

A estint crônica
J. Etienne Di Lus,
- para ler e julgar. -
9-740-42. O autor.

adquirido de J. Etienne Filho em
setembro 1996.

ARLINDO CHAVES

AINDA AS CARTAS CHILENAS

(RÉPLICA)

BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS

.....
.....
.....

“Aplicando a sua paciente e arguta investigação o processo estatístico de Udney Yule, tomou o ilustre sr. Arlindo Chaves trechos, — da mesma extensão — das Cartas, de Gonzaga e de Cláudio, e, confrontando-os mostrou, de maneira irrecusável, pela grande maioria de coincidências em períodos, palavras, pontuação, etc., que foi Tomaz Gonzaga quem escreveu, sozinho, o poema célebre.

Trabalho de inteligência, de agudeza, de paciência, de erudição e de observação, o estudo do sr. Arlindo Chaves honra por tudo o seu autor”

Jornal do Brasil, 8—4—941

.....
.....
.....

“Posteriormente à conclusão dos críticos literários, um reputado estatístico mineiro, Arlindo Chaves, retomou do problema e estudou-o à luz de métodos ainda mais rigorosos num documentado e exaustivo estudo sobre “Identificação estatística do autor das “Cartas Chilenas”, publicado na “Revista Brasileira de Estatística”, a reputada revista de que o mestre de estatística no Brasil, dr. M. A. Teixeira de Freitas, tem feito um dos repositórios mais interessantes de dados e informações para a história do Brasil.

Do interessantíssimo estudo do sr. Arlindo Chaves ressalta, de modo irresponsável, a autoria de Tomaz Antônio Gonzaga, como redator do poema, sem infirmar a colaboração intelectual na sua confecção, que seguramente ocorreu, dadas as íntimas relações entre os dois poetas, as circunstâncias da composição e a identidade de pensamento entre ambos. O sr. Arlindo Chaves no seu sábio e cuidadoso confronto entre 116 períodos das “Cartas”, do “Vila Rica” e das “Liras” mostrou que Gonzaga e o autor das “Cartas” participam da mesma característica de estilo: os períodos

curtos; ao passo que Cláudio Manuel, ao contrário, sempre se utiliza do período longo. "Comprimento médio do período".

Gonzaga	—	23	palavras
Cartas	—	27	palavras
Cláudio	—	52	palavras

Estende o autor a sua observação, dos períodos à pontuação, formulando mesmo como descoberta própria, uma "lei de constância da pontuação", como sinal característico e distintivo entre os estilos. E encontrou, também, afinidades sensíveis entre o método de pontuação de Gonzaga e o método do autor das "Cartas Chilenas".

Eis aí a estatística resolvendo um dos mais debatidos problemas de nossa literatura.

A literatura e a estatística não se repelem. Esta pode fornecer àquela dados muito interessantes, tanto para o trabalho dos autores, como para o trabalho dos críticos e historiadores. Se o elemento formal da literatura escapa naturalmente à ação da estatística, pois se desenvolve no domínio puro do imprevisível e do inumerável, — há toda uma parte da atividade literária, que completa a primeira, e que é o seu elemento numerável e computável objetivamente. Esse elemento desempenha, sem dúvida, um papel ponderável tanto na criação como na avaliação das obras literárias. E por aí se estabelecem as relações de afinidade complementar entre essas duas atividades aparentemente contraditórias.

A beleza e o número não se contradizem. São ambos reflexos de Deus na natureza, que não é um caos e sim um cosmos. Os poetas trabalham na estatística do imponderável. E, de outro lado, há não só uma poesia intensa e por vezes dramática no jogo das estatísticas, mas ainda, quem sabe, não são mais talvez os estatísticos do que poetas que se ignoram..."

Tristão de Ataíde

Rev. Brasileira de Estatística, n. 7, ano II

UMA EXPLICAÇÃO

Em janeiro de 1940 mostrava eu na Revista Biometrika, ao meu distinto amigo e companheiro de lutas diárias, jornalista Franklin de Sales, o trabalho de Yule relativo à identificação da autoria, pelo estudo dos períodos.

Lembrou-me êle então a oportunidade de se examinar à luz desses conhecimentos a velha controvérsia atinente às Cartas Chilenas, então focalizada por alguns estudiosos.

Os primeiros passos nesse sentido foram dados por Franklin de Sales que, além dos elementos de que dispunha, ainda conseguiu valiosos documentos na Biblioteca do Professor Lúcio José dos Santos que pessoalmente ainda me forneceu, com sua habitual gentileza, interessantes esclarecimentos sobre a literatura que podia interessar os estudos que íamos empreender. Organizado o material e terminada a análise estatística que tínhamos em vista e mostrada a amigos que, sem partidatismo, como eu, se interessaram pela questão, guardamos o trabalho em nossa gaveta durante 10 meses, o que aliás se pode verificar através do seguinte confronto: o Minas Gerais, órgão oficial do Estado, publicou um suêto sobre êsse estudo em 8-2-940, ao passo que somente em dezembro foi divulgado pelo Boletim n. 7 do Departamento Estadual de Estatística, correspondente àquele mês.

O estudo em aprêço tinha apenas o objetivo de atender à curiosidade de alguns amigos e só foi divulgado por solicitação do sr. J. Ribeiro Costa, ao tempo, diretor interino do Departamento, em vista dos pedidos que eram dirigidos à Diretoria, motivados pela notícia que o Minas Gerais publicou. Não podia nem de longe supôr que êsse trabalho feito com tanto esforço, com tanta isenção de ânimo e vasado em princípios que por sua natureza o tornaram absolutamente insuspeito, estivesse destinado o ser alvo das críticas que dão motivo a esta réplica.

A crítica, em si, não me surpreendeu, todavia, porque reconheço a sua utilidade. O que me surpreendeu, não deixará de ser também um motivo até mesmo de desapontamento para quantos me derem a honra de ler êste trabalho.

Estou certo de que, não obstante as cortinas de fumaça com que os meus contraditores, à míngua de argumentos sérios, procuraram envolvê-la, a exegese estatística ficará iluminado a affigie de Gonzaga, à semelhança de um arco voltaico, com o pontencial agora aumentado.

F. essa claridade intensa nos irá proporcionar, — atraindo-as, — um

espetáculo sem dúvida divertido: a dança das mariposas em meio das labaredas.

Para melhor esclarecimento, apresento em apêndice o trabalho original, "Identificação estatística do autor das Cartas Chilenas".

UM AGRADECIMENTO

Ao dr. Hildebrando Clark, diretor do Departamento Estadual de Estatística pelo interesse que tem demonstrado em relação aos estudos que temos feito sobre as "Cartas Chilenas", autorizando a respectiva divulgação no Boletim da repartição que dirige; ao dr. João Dias Pereira Gomes pela colaboração que me prestou, estudando "Frei Simão" e organizando a tabela comparativa, "Machado de Assis, poeta e prosador"; ao Dr. Mário Cunha, pelo estudo que fez da pontuação de Machado de Assis e ao Francisco Gil, pelos trabalhos da datilografia e revisão.

AINDA AS CARTAS CHILENAS

(Réplica)

Em artigo publicado na Revista Filológica, (vol. IV, n. 14, Rio, 1942) o sr. Joaquim Ribeiro procurou delapidar o trabalho de minha autoria, "Identificação Estatística do Autor das Cartas Chilenas," vindo a lume, em primeira mão, no Boletim do Departamento Estadual de Estatística, de Minas Gerais (n. 7, 1941) e posteriormente divulgado pela Revista Brasileira de Estatística, (n. 6, ano II, 1941, Rio) que é, como se sabe, o órgão oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O interesse que está despertando aquele meu estudo, recebido com as mais francas e abundantes demonstrações de simpatia pela imprensa e pela crítica construtiva, no país, não deixa de ser um reflexo da obra grandiosa que está realizando aquela Instituição, no sentido de ser a estatística convenientemente prestigiada no Brasil, como imprescindível e valiosa colaboradora das administrações e da cultura, consoante o exemplo que nos dão os povos de civilização mais antiga, e por isso mesmo, mais aprimorada.

A responsabilidade assim que me conferem as mais inequívocas demonstrações de confiança e aprêço por parte das entidades referidas, me obriga a voltar a público, — em nome de um interesse que já não é só meu, — para levantar a luva que o sr. Joaquim Ribeiro deixou cair na arena da sua crítica, certo de que as credenciais com que o meu ilustre contraditor se apresenta, — Técnico de Educação do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, — me conferem uma honra capaz, por si mesma, de compensar tôdas as dificuldades e canseiras que me custou o trabalho criticado.

Passemos aos fatos.

A primeira objeção do professor consistiu num resumo feito à sua vontade e para afetar intimidade com a descoberta do grande matemático inglês, Udry Yule, obrigatoriamente citado em qualquer obra moderna sobre estatística e que o sr. Joaquim Ribeiro simula conhecer através do apinhado, feito pela rama, das referências constantes do meu trabalho.

Assim, não lhe foi difícil dizer, através de uma observação minha, afeiçoada, devidamente, às suas conveniências, que eu estendi o método do sábio fundamentado em experiências feitas em obras escritas em prosa, à identificação de obras poéticas, o que lhe parece "algo ousado". Para chegar até aí, aliás com um êxito que valorizou a obra do sábio, pelo cunho de generalização que lhe imprimi, (modéstia à parte) procedi com um cuidado e um critério

que o professor ocultou para não desfigurar o único argumento que, em tão grave passagem, pôde apresentar: "um soneto de Camões dificilmente pode ser diferenciado de um outro de Pero de Andrada Caminha".

O estatista prefere os fatos às divagações estéreis, que nada provam. O terreno é puramente experimental.

Todavia, para assentar idéias e pôr o leitor em condições de acompanhar de perto as provas que vamos aduzir, vou lembrar aqui o em que consiste a descoberta de Yule: "On sentence-length as a statistical characteristic".

Em amostras do mesmo peso, tomadas de um mesmo autor e estatisticamente estudadas, o Mestre verificou, (em diversas experiências) que os comprimentos dos períodos formavam classe, de frequência constante, compondo assim com simetria bastante perfeita o emaranhado da escrita.

Ora, a poesia, conforme observei, uma vez desembaraçada das formas clássicas, duetos, tercetos e quadras, como o são as Cartas Chilenas, o Poema Vila Rica e as passagens das Liras que pude selecionar, com cuidado, cujos versos se encadeiam livremente ou sem aquelas restrições, oferece material excelente para estudo, maximé se se considerar que os poetas são habéis matemáticos, compondo mentalmente os mais complicados alexandrinos.

O professor se esqueceu de dizer, — e eu me sirvo do ensejo para lembrar-lh'o — que, não obstante dispor de ótimo material para o estudo que fiz, conforme já esclareci, lancei mão, por iniciativa própria, de seguro trajamento, isto é, o estudo da pontuação.

Como os resultados não foram de molde a convencê-lo ser Gonzaga o autor das Cartas, em virtude da "ousadia" referida, vou provar ser o método Yuleano de aplicação geral, mediante, em relação ao verso, a observância das restrições já lembradas, impostas, naturalmente, pelo bom-senso, sem o qual tudo é cáos.

Vou estudar, para isso, três obras de Machado de Assis, escritas em épocas aproximadas, tanto quanto o são os elementos correspondentes ao estudo das Cartas Chilenas.

Em Machado destaquei o prosador e o poeta, porque ele era "o exemplar, sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer" (Rui). Nossa tese, destarte, revela, nesse terreno, aspectos curiosos da obra do escritor, nos limites do que foi destacado.

Para Machado de Assis, poeta, escolhi:

Crisálidas (1864) e Falenas, (1866) segundo Carlos de Laet e Fausto Barreto, as datas, e os textos, segundo a edição "Poesias Completas". Liv. Garnier, Rio.

De Crisálidas destaquei: "Quinze Anos" (da pag. 8 até o 2.º verso da pag. 10) "Polônia", (tôda) "Erro", (tôda) "Elegia" (tôda). Versos a Corina" (o I todo e o VI até o verso 10, da pag. 48).

De Falenas destaquei: "La Marchesa de Miramar", (tôda) "Sombras", (tôda) "Ruínas", (tôda) e "Pálida Elvira" até o n. XI, inclusive.

Com os elementos resultante do estudo destacado de 82 períodos respectivamente de Crisálidas e de Falenas, apresentado, em resumo, para não fadigar o leitor com séries exaustivas, vou confrontar o poeta com o próprio poeta para examinar-lhe o "semblante estatístico", de um e de outro lado daquelas composições.

MACHADO DE ASSIS, POETA

CLASSES	CRISÁLIDAS	FALENAS	TOTAIS
1 a 10 palavras	14	17	31
11 a 20 "	24	29	53
21 a 30 "	15	15	30
31 a 40 "	10	7	17
41 a 50 "	10	8	18
51 a 60 "	4	4	8
61 a 70 "	1	0	1
71 a 80 "	1	1	2
81 a 90 "	2	1	3
91 a 100 "	1	0	1
TOTAL	82	82	164

Vê-se nesse quadro que Machado de Assis das Crisálidas é o mesmo Machado das Falenas, para quantos o examinarem com as lentes da estatística, através das quais se percebe que o peso das amostras, 82 períodos para cada obra, não é suficiente para a igualdade dos elementos perfilados em cada linha.

As leis estatísticas são diferentes das leis físicas, poquanto só se exprimem em função da continuidade das ações humanas, (Bulhões) apurando-se, em consequência, cada vez mais a sua precisão à medida que vão sendo aumentadas as amostras.

No sentido de evidenciar as características individuais, inconfundíveis, dos autores, segundo a descoberta de Yule, vou apresentar um quadro comparativo de Tomaz Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Machado de Assis: para os dois primeiros, com elementos extraídos de "Identificação Estatística do Autor das Cartas Chilenas", (Liras e Vila Rica) e para Machado, com os totais do quadro exposto.

CLASSES	GONZAGA		MACHADO		CLÁUDIO	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
2 a 10 palavras	19	16,4	31	18,7	2	1,7
11 a 20 "	28	24,1	53	32,4	9	7,7
21 a 30 "	36	31,0	31	18,7	27	23,3
31 a 40 "	22	19,0	17	10,3	14	12,3
41 a 50 "	8	6,9	18	10,9	12	10,3
51 a 60 "	3	2,6	8	4,8	14	12,0
61 a 70 "	—	—	1	0,6	8	6,9
71 a 80 "	—	—	2	1,2	8	6,8
81 a 90 "	—	—	3	1,8	5	4,3
91 a 100 "	—	—	1	0,6	5	4,3
101 a 110 "	—	—	—	—	2	1,7
111 a 122 "	—	—	—	—	10	8,8
TOTAL	116	100,0	165	100,0	116	100,0

Vejamos, agora, Machado de Assis, poeta, confrontado com Machado, prosador, através dos elementos totais resultantes das passagens assinaladas de Crisálidas e de Falenas e de 155 períodos do conto "Frei Simão", destacado da obra Contos Fluminenses, 1870.

MACHADO DE ASSIS, POETA E PROSADOR

CLASSES	NÚMERO DE PERÍODOS			
	Poesia		Prosa	
	Absoluto	%	Absoluto	%
De 1 a 10 palavras.....	31	18,7	56	36,1
" 11 " 20 ".....	53	32,4	60	38,8
" 21 " 30 ".....	31	18,7	23	14,8
" 31 " 40 ".....	17	10,3	10	6,5
" 41 " 50 ".....	18	10,9	5	3,2
" 51 " 60 ".....	8	4,8	1	0,6
" 61 " 70 ".....	1	0,6	—	—
" 71 " 80 ".....	2	1,2	—	—
" 81 " 90 ".....	3	1,8	—	—
" 91 " 97 ".....	1	0,6	—	—
TOTAL.....	165	100,0	155	100,0

ELEMENTOS TÍPICOS:

Média aritmética (MA).....	25	15,4
Moda (Mo).....	15	12
Mediana (Me).....	20	15
1.º Quartil (Q1).....	13	8
3.º Quartil (Q3).....	36	21
Erro provável (EP) $(\frac{Q3-Q1}{2})$	11,5	6,5
Desvio padrão (σ).....	18,4	10,76
Coefficiente de variação (CV).....	73,6	69,8
Gráu de assimetria $(\frac{q2-q1}{q2+q1})$	0,39	-0,08

Vê-se nesse quadro que o poeta empregou 18,7 % de períodos liliputianos de 1 a 10 palavras, ao passo que o prosador os empregou em 36,1 % da composição; a classe de 11 a 20 palavras o poeta frequentou 53 vezes (32,4%) ao passo que o prosador foi um pouco mais assíduo: visitou-a 60 vezes (38,8%). Ambos visitaram:

Classe de 21 a 30 palavras: o poeta, 18,7% e o prosador, 14,8%.
" " 31 " 40 " " " 10,3% " " " 6,5%.
" " 41 " 50 " " " 10,9% " " " 3,2%.
" " 51 " 60 " " " 4,8% " " " 0,6%.

Nas classes de 70, 80, 90 e 97 palavras o poeta figura, respectivamente com 1, 2, 3 e 1 períodos, ao passo que o prosador esteve completamente ausente.

Conclue-se, facilmente, de todo o exposto, que o poeta e o prosador escreveram, preferencialmente, com períodos curtos (vide Moda); o prosador, especialmente, confirmando a sua timidez em relação à força da gravidade, consoante aquela declaração "que é sempre melhor cair das nuvens do que de um segundo andar", não atingiu senão cautelosamente a classe dos períodos de 50 palavras, dando-nos, assim, a impressão de que, com as suas "sínopes de ironia" e os seus achaques epiléticos, não podia dar mais de 20 passos sem tropeçar num ponto final, caindo, em seguida.

Já o poeta, sob os impulsos da inspiração, deixava de lado, às vezes, a timidez e se elevava até a estratosfera do pensamento, de onde se deixava cair em luminosos paraquedas.

São-lhe frequentes os períodos longos, podendo mesmo ser destacadas certas composições das Crisálidas, em que o poeta, em vôo alto, absorve as idéias no sorvo de um único período, longuíssimo.

Conclue-se, de tudo, que não obstante certas características comuns, marcantes no poeta e no prosador, não se deve confrontar, estatisticamente, o verso com a prosa.

É interessante, ainda, o observar que a poesia não restringe o período, como se podia supor, mas ao contrário, amplia-o. A inspiração não conhece muros.

Destruida a primeira objeção, passemos à segunda e última, sem dúvida a mais séria. Aqui o professor Joaquim Ribeiro, estimulado por uma omissão da minha parte, procura, ironicamente, absolver-me de um tal pecado mortal para, com esse processo de anestesia psíquica, fazer mais facilmente correr sobre mim o rôlo compressor da sua crítica mordaz.

Sem pôr em dúvida a minha honestidade, o professor lamenta não ter eu indicado "as passagens que serviram de base para a exégesis estatística" que levei a cabo, exaustivamente, em 116 períodos respectivamente das Cartas, das Liras e do poema Vila Rica.

Não é difícil a minha explicação. Conhecendo muito bem a extensão da controvérsia, em que teem figurado estudiosos de todos os matizes, geralmente com a pasta de advogado debaixo do braço, contendo, muitas vezes, arrazoados inenarráveis, ocultei, de propósito, aquelas passagens.

Isso, entretanto, não era obstáculo para que os estudiosos, animados por justa curiosidade, deixassem de fazer outros estudos, que só poderiam concorrer para, de modo definitivo, pôr uma pedra em cima da questão.

A estatística tem a incorruptibilidade da matemática, e como ciência, é de aplicação geral, uma vez que o estudioso esteja apercebido do cabedal científico e técnico capaz de lhe garantir o domínio, em todos os sentidos, da investigação.

Si bem pensei, melhor aconteceu. Lamentando não poder examinar o que estava feito, por falta de indicação e querendo "verificar a pesquisa de Arlindo Chaves", o professor arregaçou as mangas e meteu mãos à obra, escolhendo, a seu critério, novos trechos para o estudo da questão, conforme esta declaração: "Tomei igualmente 116 períodos respectivamente das Cartas Chilenas, (toda a Carta 10.ª e mais os 32 primeiros versos da Carta 11.ª) e do Vila Rica, (todo o Canto VIII e mais os 36 versos iniciais do Canto IX).

E qual não foi a minha surpresa?

O resultado parece mais objetivo a favor da autoria de Cláudio Manuel da Costa". E apresenta uma tabela relativa a seu estudo, a qual transcrevo um pouco adiante, por conveniência de confronto. Apresenta também um gráfico relativo a essa tabela e conclue:

"A comparação dessas duas conclusões objetivas vem apenas provar a precariedade do método adotado por Arlindo Chaves", para dar a Gonzaga a definitiva autoria das Cartas.

Conclue, finalmente, seus embargos negando também a autoria de Cláudio Manuel, para sustentar um ponto de vista preconcebido: as cartas foram escritas, a seu ver, no século dezanove. (Essa balela foi destruída pelos técnicos do Ministério da Educação, mediante o estudo do papel em que foi escrito o original das Cartas Chilenas).

A palavra agora está comigo.

Com os elementos destacados com tanta clareza, para o estudo que fez, não poderia o professor me proporcionar uma ensanchar mais feliz para o encontro que desejou.

Vou conferir o seu trabalho.

Dizem os teólogos que a dúvida de S. Tomé, — o santo fundador de uma escola a que a verdade deve quasi tudo, em todos os domínios da ação humana, frequentemente corrompida, — se erigiu, em virtude mesmo de misteriosa predestinação, num dos maiores sustentáculos do cristianismo.

"Se eu não vir as Suas chagas e não tocá-las com os dedos, não acreditarei na ressurreição!"

Oito dias depois jorra intensa claridade sobre o negrume da dúvida e o Mestre dos mestres, em súbita aparição, oferece as chagas ensanguentadas ao toque digital do discípulo vacilante!

Que o novo discípulo do apóstolo possa também introduzir, sofregamente, os seus dedos nas chagas arroxeadas da estatística, com a necessária elevação para situar a questão no âmbito do interesse nacional, fora da esterilidade das competições pessoais.

Para bem iluminar a controvérsia, seja-me lícito frizar um ponto nuclear para qualquer pesquisa estatística, qual seja aquele em que a Metodologia e a Lógica mais estreitamente se abraçam, através dos três famosos princípios do "Discurso sobre o método", no sentido de uma perfeita definição de termos, por tal forma que os atributos dos indivíduos em estudo sejam objetivamente verificáveis por qualquer investigador dotado de bom senso.

A estatística, para a identificação da autoria de uma obra, tem como ponto de partida o período gramatical, em suas diferentes modalidades.

Estamos, aqui, no domínio da gramática, cujos conselhos vamos ouvir a respeito.

É preciso dizer que Yule, compreendendo a necessidade de colocar este ponto fora de qualquer dúvida, fez a respeito uma metodologia completa, ensinando mesmo como se deve proceder no caso de uma citação, de uma palavra composta, de um número escrito em algarismos ou por extenso, definindo, mesmo, o período que, na língua inglesa, não lhe pareceu satisfatoriamente caracterizado, sob o ponto de vista estatístico.

Felizmente em português temos Eduardo Carlos Pereira, entre outros, que é de absoluta clareza, como vou mostrar. Ele define:

"Período gramatical é uma ou mais proposições, orações ou sentenças que formam sentido completo e independente.

O ponto final indica o fim do período.

Tem o mesmo efeito o ponto de exclamação e o de interrogação quando equivalem a ponto final.

O período pode ser simples, complexo ou composto."

E define cada um destes casos.

(Gram. Exp. — Curso Sup. 4.ª ed., 1913).

Em face destas noções a coleta se faz mediante a simples contagem das palavras, uma vez destacado o período.

Neste ponto, já devo observar que o professor Ribeiro, tomando o verso 36 do canto nono, do poema Vila Rica, como o fim do período 116, nos obriga a fazer um juízo inicial a respeito da sua técnica.

Aquele verso, segundo duas edições que tenho do poema, termina em ponto e vírgula.

Conclusão: o professor não sabe o que é um período gramatical!

Verdadeiro teste eliminatório!

Vamos, porém, apresentar a tabela do estudo que nós ambos fizemos dos trechos que êle destacou com elogiável clareza.

PERÍODOS	SEGUNDO ARLINDO CHAVES		SEGUNDO PROF. JOAQUIM RIBEIRO	
	Cláudio	Cartas	Cláudio	Cartas
1 a 10 palavras.....	0	14	27	24
11 a 20 ".....	4	19	42	44
21 a 20 ".....	10	18	39	31
31 a 40 ".....	5	17	8	14
41 a 50 ".....	7	12	9	2
51 a 60 ".....	4	3	0	1
61 a 70 ".....	4	0	0	0
71 a 80 ".....	3	2	1	0
81 a 90 ".....	3	0	—	—
91 a 100 ".....	1	0	—	—
101 a 110 ".....	0	0	—	—
111 a 120 ".....	1	0	—	—
121 a 130 ".....	0	0	—	—
131 a 140 ".....	1	0	—	—
Mais de 141 palavras.....	1	0	—	—
SOMA.....	44	85	126	116

Vamos, inicialmente, confrontar, nesse quadro, as somas para depois vermos as parcelas.

Em relação a Cláudio, em vez de 116, como quer o professor, a soma dos períodos que êle discriminou é de 126. Eu, porém, apenas encontrei 44 períodos para Cláudio, de sorte que só aí o professor errou três vezes nas "contas de somar".

Relativamente às Cartas, o professor destacou ainda 116 períodos, sendo que eu apenas encontrei 85.

O cotejo das parcelas apresenta divergência ainda mais escandalosa. Ora, sendo a conta de somar, segundo a classificação filosófica de Augusto Comte, na ordem crescente das dificuldades, a operação mais simples em matemática, não posso dizer que o professor seja um bom matemático e muito menos um estatista seguro!

O técnico da Universidade transformou a conta de somar em verdadeiro jogo de azar, no qual perdeu todas as vezes em que esperava tirar a sorte grande! A exaltação de ânimo em que se acham os algarismos em aprêço, esganhando-se e espatifando-se a murros e a ponta-pés, me obriga a dizer, alto e bom som, a última palavra sobre uma tal divergência.

O trabalho do professor consistiu apenas em destacar 350 versos para cada obra! — E a tabela?

— Embora dura, é esta a verdade: a tabela é uma farça!

Vejam só!

Ao entrar na arena para levantar a luva que deixou cair o Técnico de Educação do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, que ainda tem o nome aureolado pelo respeito que devemos ao seu grande progenitor João Ribeiro, de saudosa memória, estava longe de supor que no lugar do homem de letras, do apaixonado pelas causas justas e generosas, do estudioso sincero e leal, me houvesse de sair pelas costas um dos personagens mais célebres de Molière.

Sganarelo:

“Or ces vapeurs dont je vous parle venant á passer du côté gauche, où est le foie, au côté droit, où est le coeur...”

Vou, em conclusão, apresentar um quadro comparativo dos dois estudos feitos para cada obra, de acôrdo com os elementos constantes do trabalho impugnado e com os novos elementos decorrentes dos trechos delimitados pelo professor. Esse quadro é duplamente comparativo e mostra a perfeita concordância de todos os elementos, o que, de modo irrecusável, confirma, mais uma vez, a autoria de Gonzaga.

ESPECIFICAÇÃO	CLÁUDIO		CARTAS		GONZAGA
	1.º estudo 116 períodos	2.º estudo 44 períodos	1.º estudo 116 períodos	2.º estudo 85 períodos	1.º estudo 116 períodos
Total das palavras contidas nos períodos.....	6.079	2.320	3.151	2.100	2.729
Comprimento médio do período (palavras).....	52	52	27	25	23
Período de 1 a 50 palavras...	64 ou 55%	26 ou 59%	107 ou 92%	80 ou 94%	113 ou 97%
Período de 51 a 100 palavras	42 ou 36%	15 ou 34%	8 ou 6%	5 ou 5%	3 ou 2%
Períodos de 101 a mais de 120 palavras.....	10 ou 9%	3 ou 6%	1 ou 0,9%	0	0
Total dos elementos da pontuação.....	930	331	417	398	406
Sua média no período.....	8	7,5	3,5	4,6	3,4

Gonzaga não figura no 2.º estudo.

(Entende-se por “1.º estudo” o constante de “Identificação Estatística das Cartas Chilenas” e por “2.º estudo” o correspondente aos trechos destacados pelo sr. Joaquim Ribeiro).

Não obstante a desigualdade de pêso das amostras, a concordância é praticamente perfeita.

Especialmente interessante é a seguinte observação: nota-se a discrepância de uma unidade e um décimo na média da pontuação relativa ao 1.º e 2.º estudo das Cartas, ou seja entre os números 3,5 e 4,6. Ora, meu primeiro estudo, conforme consta da relação bibliográfica, foi feito sobre a edição Francisco da Veiga, ao passo que o 2.º, foi feito sobre a edição oficial do Ministério da Educação, por ter sido esta a de que se serviu o sr. Joaquim Ribeiro.

Parecendo-me a discrepância um pouco grosseira, fui levado a fazer o confronto da Carta 10.ª, da qual em maior número foram extraídos aqueles elementos.

Notei sensível modificação na pontuação entre as edições referidas, o que afasta a hipótese do Dr. Afonso Arinos, segundo a qual as duas edições em apêço teriam sido decalcadas de um mesmo original, a menos que o estado de conservação desse manuscrito tenha determinado essas modificações.

Não posso dizer que aquela divergência autorize qualquer sofisma, pois as médias de Cláudio se expressam em 8 e 7,5, respectivamente, em cada estudo, ao passo que a de Gonzaga, nas Liras, foi de 3,5 ou seja praticamente, a mesma das cartas: 3,5.

Encerremos, finalmente, estas linhas com o devido respeito à natural confusão em que se encontra o último transeunte da “Estrada de Damasco”, nesse momento dramático em que os seus olhos se abrem fora da treva!

UM OUTRO...

O sr. Bruno Rudolfer, chefe da Secção de "Documentação e estatísticas municipais", da prefeitura de S. Paulo, publicou no n. 79 da Revista do Arquivo Municipal do Departamento de Cultura, da mesma repartição, um artigo sobre o meu trabalho, Identificação Estatística do Autor das Cartas Chilenas.

É um trabalho de crítica, no qual o autor declara nas primeiras linhas não ser seu intuito desmerecer o meu estudo, recebido, aliás, com os mais francos e abundantes aplausos pela imprensa do país.

Notei, porém, poucas linhas depois que a pulsação do sr. Rudolfer não era normal.

Não me enganei.

O termômetro acusa, como vamos ver, uma temperatura bem elevada que justifica perfeitamente o mal estar que demonstra e, principalmente, a dor de cabeça que lhe deu a difícil empresa a que se arriscou.

Não podendo esboçar um plano estratégico em que as fortificações e trincheiras dos argumentos sólidos o pudessem colocar a coberto pelo menos do sol e da chuva, o crítico voltou o seu canhão para os próprios leitores, procurando desnortheastá-los para tirar os possíveis efeitos psicológicos de seus moinhos de vento.

Vou acompanhá-lo, na ordem de suas arremetidas, mostrando, em todas as tentativas de escaramuças, que o ninho de suas metralhadoras não passa de um simples ninho do tico-tico, ao alcance de qualquer mão infantil.

Passemos a examinar os argumentos mais objetivos do articulista, que, como estatista oficial e escrevendo para uma Revista de grande conceito, devia ser mais cauteloso no manejo de certos recursos condenados pela ética e pelos sentimentos de lealdade, que fazem da crítica um instrumento de estímulo e de aperfeiçoamento, que não de destruição ou de desgoverno intelectual.

Vejamos.

O sr. Bruno começou por assinalar a minha "obcessão pelos grandes números, obcessão essa que chega a provocar certa contradição".

E, entrando em provas, continua: "Daí afirmar numa mesma página que "as grandes séries, em estatística, de que o quadro exposto não deixa de ser um caso bastante típico" para quatro períodos abaixo, dizer: "a quantidade de amostras examinadas (ainda se refere ao mesmo quadro) não é no caso, o que em estatística se pode chamar grande número".

O quadro a que se refere o sr. Bruno e que eu considero uma grande série, é composto de nove colunas verticais, 122 linhas horizontais, em que se acham individualizados 348 períodos, 11.959 palavras e 132 coincidências. O que, quatro períodos abaixo, conforme observa, eu disse não ser, no caso, o que em estatística se pode chamar grande número, é o peso de cada amostra, aliás, claramente registrado entre parêntesis (116 períodos).

O sr. Bruno substituiu o parêntesis (116) por outro parêntesis contendo esta observação ("ainda se refere ao mesmo quadro") Oh!

Apagou, como se vê, a luz, para mais facilmente fazer a sua manobra dentro da treva.

É a velha escola de Tartufo, para quem qualquer licenciosidade praticada às escuras, às escondidas, não é contrária à "moral", no caso, a língua do povo.

Mas não é só isso.

O sr. Rudolfer não completou o meu pensamento nas citações que fez, para tirar os efeitos que lhe convinham, o que define perfeitamente o sentido de sua crítica, em que o fim justifica os meios.

A simples leitura daqueles poucos períodos demonstra que não houve contradição e muito menos obcessão pelos "grandes números", de vez que só falei uma vez, em todo o meu trabalho, em "grandes números" e, mesmo assim, em momento oportuno.

Vou acender as luzes, transcrevendo, integralmente, aqueles períodos, deturpados pelo articulista.

"As grandes séries em estatística, de que o quadro exposto não deixa de ser um caso bastante típico, consideradas, panoramicamente, são geralmente descoloridas e opacas, como os vitrais vistos do exterior.

A medida, entretanto, que os algarismos vão se condensando, nos resultados finais e nas relações que estes possibilitam, começa a manifestar-se um fenômeno inteiramente oposto ao que se verifica nas porcelanas: a densidade gera a transparência, o quadro se ilumina, o colorido se esboça, a paisagem se anima.

Dir-se-ia ainda um vitral visto agora do interior de um edifício qualquer.

Em nosso caso, de fato, o confronto das unidades isoladas de seus universos não permite nenhuma conclusão.

Através, porém, da maior condensação das frequências, evidenciadas nos algarismos finais, a lei Yuleana" vai se delineando, traço a traço, para compor dois retratos numéricos do autor das Cartas Chilenas".

Data vênica, a quantidade de amostras examinadas, (116) não é, no caso, o que em estatística se pode chamar "grande número", sendo esta advertência muito elucidativa, pois, conforme o teorema de Poisson, as discrepâncias, os desvios são inversamente proporcionais à raiz quadrada do número das amostras, tornando-se, por exemplo, os resultados duas vezes mais exatos se o número das unidades em estudo for elevado ao quádruplo".

Vê-se no texto não mutilado o sentido exato daquelas expressões, que não podiam ser mais próprias nem mais exatas, de vez que o trabalho, versando uma controvérsia literária, se destinava à apreciação de leitores que,

naturalmente, não vão estudar estatística por diletantismo mas que, com maior confiança, aceitaram os resultados à luz dos princípios que no-los impõem à submissão.

De resto, sendo a estatística frequentemente definida como "ciência dos grandes números", onde o motivo para tamanha estranheza do sr. Bruno, mesmo que eu, em vez de uma, tivesse falado mil vezes desse "ponto nevrálgico"?

O sr. Rudolfer começou a sua crítica falando em apriorismo, falou em apriorismo até o fim do seu artigo, repetidamente, e eu nem por isso vou censurá-lo por ser tão fortemente "apriorístico". Os estados febrís, a 42° à sombra, trazem comumente essas excitações que, afinal, não são mesmo privilégio do mágico de Oz!

Passemos a outro ponto.

O sr. Bruno, um pouco adiante, sempre às voltas com os seus apriorismos, não podendo negar os fundamentos científicos do método Yuleano, do qual fui apenas um simples, mas honesto aplicador, procura, ingenuamente, torná-lo impraticável, encurralando os seus possíveis leitores numa outra ordem de argumentos, dos quais dificilmente conseguiu sair-se, porque, de fato, as contradições, o total desconhecimento de episódios épicos da nossa história e da nossa literatura, em que os poetas inconfidentes, amigos e companheiros no infortúnio e na glória, tomaram parte ativa, — o que aliás deu origem à debatida controvérsia relativa às Cartas Chilenas, obnubilaram a inteligência do crítico.

Vamos transcrever os tópicos referentes a este ponto, catando-os aqui e ali, em toda aquela colcha de retalhos, sem unidade e sem consistência lógica.

"Assim, aceitamos essa nova aplicação da estatística, mas julgamos que o método para determinação de um perfil estável de determinado autor, ou, a verificação da estabilidade do estilo literário, por ser um fenômeno muito complexo, não pode restringir-se a uma análise simplista como a que foi feita para dar Gonzaga como a pessoa que redigiu as célebres *Cartas Chilenas*. Um autor, parece-nos, pode apresentar determinado perfil em uma obra e perfis diferentes em outras; pode evoluir, passar de uma escola literária para outra.

E no caso aqui mencionado uma só obra foi analisada de cada um dos autores considerados. Outro aspecto curioso a ser investigado e que, também, não foi previsto no estudo da "*Revista Brasileira de Estatística*" diz respeito a época em que as obras foram escritas: os primeiros trabalhos de um escritor, em geral, diferem dos últimos. E o estudo do sr. Arlindo Chaves não procurou caracterizar a época dos trabalhos analisados, nem verificou se as publicações que escolheu eram representativas de todas as obras de Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Selecionou essas obras aprioristicamente,..."

"Demais, além de uma seleção apriorística de obras, o sr. Arlindo Chaves selecionou, aprioristicamente, também os autores."

Há nesses períodos uma nova aplicação das nuvens de fumaça, com o objetivo de despistar os leitores, lançando a confusão, o que aliás, em relação ao mesmo emprêgo que os navios fazem desse sistema de defesa, não tem dado resultados satisfatórios. A ação sinistra dos torpedos e dos "mergulhadores" continua cada vez mais voraz.

No primeiro período o articulista fala em "perfil estável" de determinado autor; no segundo período fala que o "perfil" do determinado autor varia de obra para obra; no período seguinte fala que o "perfil" varia entre as primeiras e as últimas obras de um mesmo autor; no período seguinte observa que "o sr. Arlindo Chaves não procurou caracterizar a época dos trabalhos analisados, nem verificou se as publicações que escolheu eram representativas de todas as obras de Gonzaga e de Cláudio Manuel da Costa".

Finalmente, lá muito adiante, lembrando-se de que a fumaça tem curta duração, ainda lançou mais esta bafurada de cigarro: "Demais, além de uma seleção apriorística de obras, o sr. Arlindo Chaves selecionou, aprioristicamente, os autores."

O apriorismo, que não é obsessão no crítico, não deixa de ser o que em estatística chamamos "moda".

É gosto. Está acabado.

Se o "perfil" é instável, como determinar-lhe a estabilidade?

Se varia de obra para obra, como verificar se as composições que escolhi eram representativas de "todas as obras de Cláudio e de Gonzaga"?

As contradições se dilaceram mas é nesta passagem que o crítico atingiu a sublimação:

"não procurou caracterizar a época dos trabalhos analisados".

Vejam. Para Cláudio tomei o poema Vila Rica, que, conforme ensinava qualquer antologia, foi escrito já na velhice do autor. As Cartas Chilenas, por outro lado, constituíram o prelúdio de um drama em que o poeta aparece com a coroa de martírio na frente e que seriam a sua última produção, caso ficasse provado ser Cláudio o seu autor. Meu confronto foi cuidadoso em todos os sentidos.

Em relação a Gonzaga, os motivos inspiradores das Cartas Chilenas e das Liras, isto é, o fanfarrão Minésio e Marília de Dirceu, consoante os episódios históricos em que aparecem, e que são conhecidos por qualquer ginásiano, não deixam a menor dúvida a respeito desse ponto que, para o sr. Bruno, é necessário e obrigatório para uma conclusão definitiva.

Sim. Gonzaga, durante o dia, era o acauan assustado pela angústia do povo e pelos desmandos e atrocidades de um déspota e, alçando o vôo sobre o Itacolomí, enchia os ares de preságios fúnebres e de vivos e fulgurantes protestos de indignação: ele compunha então as Cartas Chilenas!

Quando a tarde, porém, vinha caindo, e o labor do dia ia cessando e o crepúsculo arroxava o horizonte, operava-se esta metamorfose: o gavião atrevido "virava" o sabiá nostálgico e romântico e ia enternecer com as suas nenas o coração de Marília: Gonzaga compunha as Liras.

Alguns passos mais, e o articulista acrescenta que "o meio, a escola, os costumes, os amigos", etc. etc., são outros tantos fatores determinantes da variabilidade do estilo, sem, todavia, subordinar suas afirmativas a qualquer orientação científica. São conjecturas, impressões pessoais sem nenhum valor.

Se o crítico conhecesse um pouco de psicologia e de lógica, não se atreveria a entrar, à miude, nesse labirinto, com tanta desenvoltura, a ponto de estabelecer, como regra geral, a variabilidade do estilo, exatamente no ponto em que este não está sujeito à vontade dos escritores, mas ao automatismo desenvolvido pelo hábito, pelo exercício, e indestrutivelmente arraigado como os próprios caracteres da caligrafia.

Que seria do escritor se para compor uma obra houvesse de estender as palavras sobre o papel, procurando dispô-las, como as pedras de um xadrez, para dar arranjo às idéias e às frases!

Os caracteres que a estatística estuda (os comprimentos dos períodos no emaranhado da escrita) os autores os ignoram e, por isso, não podem modificá-los, à vontade, em condições normais; não constituem, propriamente, o colorido do estilo, a manifestação do sentimento, mas resultam de um mecanismo psíquico em que a lei do menor esforço e da adaptação das idéias às formas expressivas, que lhe são, por isso mesmo, espontâneas, reage energicamente.

Os poetas, por exemplo, compõem os mais complicados alexandrinos, como que automaticamente, em relação ao ritmo, à cadência e ao número de sílabas. Não se pode, conseqüentemente, mudar de um automatismo de profunda significação para a economia mental, com a mesma facilidade com que se troca a camisa.

Dai, sem dúvida, a gênese da própria rotina, que, se por um lado, é perniciosa, por outro, não deixa de ser uma força moderadora das inovações, submetendo-as ao cadinho do tempo e das experiências para que se apure o que essas inovações encerram de bom e o que trazem de prejudicial à evolução dos usos e costumes.

Admitindo, porém, que as cousas se passem de acôrdo com a vontade do crítico, vamos ver o resultado a que conduzem suas afirmativas.

O crítico ignora que os dois poetas inconfidentes escreveram as obras estudadas (as Cartas, as Liras e o Vila Rica) sob a influência do mesmo meio, da mesma escola, dos mesmos costumes, etc.

Conclusão: a perfeita concordância estatisticamente verificada entre as Liras e as Cartas e, bem assim, a incontrastável divergência entre estas e o poema Vila Rica, não resultaram de causas externas. São sintomas de de um mal congênito, que consolidam a veracidade do meu estudo.

Não ficou só aí o devaneio.

E, para nova arremetida, outra nuvem de fumaça.

O crítico passa a comentar o resultado numérico do meu trabalho, escondendo, porém, os algarismos.

Antes de ouvirmos o sr. Bruno vou mostrar os meus documentos.

Número total de palavras contidas nos 116 períodos —

Gonzaga.....	2.729
Cartas.....	3.151
Cláudio.....	6.079

Diferença entre Gonzaga e Cartas — 422 palavras; diferença entre Cláudio e Cartas — 2.928 palavras. Comprimento médio do período —

Gonzaga.....	23	palavras
Cartas.....	27	"
Cláudio.....	52	"

Coincidências —

Gonzaga.....	78 ou 67%
Cláudio.....	54 ou 46%

Consoante a maior tendência revelada pelos autores, conforme se verifica facilmente no quadro, os períodos podem ser classificados em três grupos distintos, a saber:

De 1 a 50 palavras —

Gonzaga.....	113	ou 97%
Cartas.....	107	ou 92%
Cláudio.....	64	ou 55%

De 51 a 100 palavras —

Gonzaga.....	3	ou 2%
Cartas.....	8	ou 6%
Cláudio.....	42	ou 36%

De 101 a 120 palavras —

Gonzaga.....	0	
Cartas.....	1	ou 0,9%
Cláudio.....	10	ou 9%

Como se vê, em 116 períodos estudados para cada obra, o comprimento médio do período, para Gonzaga, nas Liras e nas Cartas Chilenas, foi respectivamente de 23 e 27 palavras, ao passo que em Cláudio foi de 52 palavras.

Os períodos de uma a cinquenta palavras figuram nas Liras e nas Cartas, respectivamente, com 113 e 107 unidades, ou sejam 97% e 92%, quasi a totalidade da composição, ao passo que Cláudio os empregou apenas 64 vezes, ou sejam 55%, praticamente a metade.

Os períodos de cinquenta e cem palavras, figuram apenas 3 vezes nas Liras, (2%) 8 vezes nas Cartas (6%) e 42 vezes (36%) em Cláudio. Finalmente, os períodos de cento e uma a cento e vinte palavras não figuram nas Liras, aparecem uma única vez nas Cartas e 10 vezes em Cláudio.

Em face desses algarismos o sr. Bruno Rudolfer sai-se com esta, interpretando-os à vontade:

"A diferença, como se vê, foi pouquíssimo desfavorável a Cláudio Manuel da Costa!"

Esse comentário e, notadamente, aquele superlativo, fazem lembrar um dos grandes momentos radiofônicos de Nhô-Tô-Tico e da Pimpinela! Vejamos outra nuvem de fumaça.

O crítico vai comentar o estudo que fiz da pontuação, ocultando, porém, a tabela em que o trabalho está apresentado. Oijamo-lo:

"Quanto a "lei da constância da pontuação" para ser de fato determinada deveria ter merecido outros cuidados do autor além de uma mera contagem de vírgulas e reticências. Julgou o sr. Arlindo Chaves que essa "lei" confirmou os seus comentários por apresentarem "Cartas" e "Gonzaga" somente 300 vírgulas enquanto "Cláudio" apresentou 600. Esqueceu-se, porém, que os 116 períodos de *Vila Rica* englobavam 6.079 palavras, enquanto o mesmo número de períodos de *Cartas Chilenas e Liras*, somados, não ultrapassavam 5880 palavras e que a pontuação, quantitativamente como foi verificado, é mais função do número de palavras: é mais provável os períodos maiores apresentarem mais vírgulas que os menores."

Diz êle que eu me esqueci de que os 116 períodos estudados em Cláudio "englobam 6.079 palavras enquanto o mesmo número de períodos de *Cartas Chilenas e Liras*, somados, não ultrapassaram 5.880 palavras, e que a pontuação quantitativamente, como foi verificado é mais função do número de palavras".

Não. O sr. Bruno é quem se esqueceu de que Cláudio sosinho "englobou" Gonzaga duas vezes e, apesar disso, duas linhas antes, asseverou ser "a diferença pouquíssimo desfavorável a Cláudio".

Isso é que é ser esquecido!

Quanto à "pretensa lei que ligou mais Cláudio às *Cartas Chilenas*", vou transcrever o quadro, para desfazer a fumaceira "apriorística", discutindo, depois, o qualificativo "pretensa".

PONTUAÇÃO	CLÁUDIO	GONZAGA	CARTAS	OBSERVAÇÕES
Vírgula.....	650	306	304	Estudo feito sobre 116 períodos
Ponto e vírgula.....	177	46	57	
Dois pontos.....	52	20	14	
Interrogação.....	16	9	29	
Exclamação.....	12	17	13	
Parentésis.....	19	0	0	
Travessão.....	1	2	0	
Reticência.....	3	6	0	
TOTAL.....	930	406	417	

Em face desse quadro, que eu, aliás, não comentei, porque êle, em si, é um comentário de inextinguível eloquência, o sr. Rudolfer ainda insistiu na vitória de Cláudio!

Risum teneatis?

Quanto à "pretensa" lei de constância da pontuação aí evidenciada, e que o crítico procura destruir mediante a alegação de que os períodos

maiores comportam mais sinais do que os menores, não houve, da minha parte, "apriorismo" ou charlatanismo para evidenciá-la.

Qualquer gramática ensina, (e entre muitas pode ser consultada a de F.T.D. Curso Secundário) que "escritores usam pontuação mais forte e abundante; outros, mais frouxa e apoucada."

Rui Barbosa, que foi um dos nossos mais autorizados filólogos, consoante os prélios memoráveis de que sempre saiu coberto de estrélas, em questões de linguagem, observou, relativamente à pontuação, que "Antônio Castilho é mais pródigo e Herculano muito parco em empregar os sinais de pontuação".

Estamos no domínio da experimentação, de sorte que às conjecturas desprimorosas do crítico posso contrapor o testemunho incorruptível dos fatos.

Vou confrontar a pontuação de Machado de Assis com a de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). De Machado tomei "Delírio", do início até a palavra "enorme", na expressão "o rosto, que era enorme" em Braz Cubas.

Para Alceu, "Explicação", do início até a palavra "estoicos", na expressão "nem com a indiferença dos cétricos nem com o orgulho dos estoicos", na obra "Meditação sobre o Mundo Moderno".

Cada uma dessas amostras tem 780 palavras. Os escritores escolhidos são astros de primeira grandeza. Machado fez e Alceu faz da pena sua ocupação de todas as horas.

Vejamos o resultado

PONTUAÇÃO	MACHADO	ALCEU
Ponto.....	39	38
Ponto e vírgula.....	18	—
Dois pontos.....	8	—
Vírgula.....	90	59
Exclamação.....	1	—
Interrogação.....	4	—
TOTAL.....	160	97

Vê-se, aqui, entre os dois escritores, profunda divergência quantitativa e qualitativa, o que confirma os ensinamentos dos filólogos e dos gramáticos, em relação à frequência da pontuação que para o sr. Bruno não passa de uma simples função do número de palavras.

Vou confrontar agora Amoroso Lima com o próprio Amoroso Lima, em duas amostras de 1.100 palavras, redondamente, cada uma, tomadas da obra "Meditação sobre o Mundo Moderno". A primeira amostra, "Explicação", tôda. A segunda, "Miguel Reale", até o penúltimo período, inclusive, da pag. 89. Fiz exclusão do penúltimo período da pag. 88, por conter duas citações.

Vejamos o resultado

AMOROSO LIMA

PONTUAÇÃO	1.ª AMOS-TRA	2.ª AMOS-TRA
Ponto.....	53	51
Vírgula.....	81	83
Ponto e vírgula.....	—	—
Exclamação.....	—	—
Interrogação.....	—	—
Dois pontos.....	—	1
Reticência.....	—	2
Totais.....	134	137

Observa-se, inicialmente, a completa ausência do ponto e vírgula, em 2.200 palavras do escritor, não se falando da exclamação e da interrogação que são menos frequentes.

A constância dos algarismos aí perfilados, secundada por outras experiências, será uma simples coincidência?

Não. É uma lei.

A lei em estatística é empírica, (Virgílii) resulta das observações estatisticamente tabuladas, independentemente dos ares misteriosos com que o sr. Rudolfer se refere aos processos que adotei para determiná-la.

“Enquanto não há medida não há ciência”, Lord Rutherford.

É interessante notar que a obra estudada de Amoroso Lima está na primeira edição e teve sua impressão fiscalizada pelo próprio autor, o que garante a autenticidade da pontuação.

Isso é importantíssimo, pois os editores procedem discricionariamente, no caso. Na coletânea dos Sermões do Pe. Vieira, organizada por Afrânio Peixoto, os editores fazem praça de haver modificado à vontade a pontuação. Confrontando a carta 10.ª das Cartas Chilenas notei também sensível divergência entre a edição Francisco da Veiga e a organizada pelo Ministério da Educação.

Vê-se, pois, que a pontuação, estatisticamente expressa, não é apenas função do número de palavras, mas do temperamento de cada escritor.

E, como é sempre empregada com uniformidade de critério, o que a estatística revelou, em relação ao meu estudo, nada tem de pretencioso”.

Conclue-se, pois, que ainda essa afirmativa do sr. Bruno, destituída de qualquer fundamento científico, ou mesmo dos mais rudimentares conhecimentos de gramática, não deixa de ser “aprioristicamente” um salto do trampolim na piscina vazia.

O sr. Bruno, em suas arremetidas, nos faz lembrar certos “torcedores” de futebol que, lá das arquibancadas, vendo o seu time fragorosamente derrotado pela entrada da “pelota”, de minuto em minuto, no fundo da rede, resolvem salvar a reputação das “cores” de sua equipe com berros, gritos,

esgares, tregeitos e caraminholas, que geralmente acabam em sérios aborrecimentos...

O crítico saiu a campo como advogado de Cláudio Manuel da Costa, para cuja memória, sempre viva no nosso respeito e em nossa admiração, não será nunca uma irreverência a verdade!

Ele não escreveu o poema célebre, mas o fato de lhe ser, até há pouco, atribuída a paternidade daquele documento, por distintos partidários, (já mudados de rumo, ultimamente) não deixa de ter uma elevada significação, em que se reconhece o mérito daquele escritor, consoante o fulgor das composições poéticas que nos deixou.

Nada, pois, nos impede de admirá-lo sempre, mesmo porque a justiça feita a Gonzaga, que foi seu amigo e companheiro de infortúnio e de glórias, será mais uma homenagem prestada ao grande magistrado, que seria incapaz de receber, à fôrça, como seu, aquilo que de fato e de direito sempre foi de outrem.

Está morta a questão das Cartas Chilenas.

IDENTIFICAÇÃO ESTATÍSTICA DO AUTOR DAS "CARTAS CHILENAS"

Entre os mais curiosos estudos que a estatística tem possibilitado, como metodologia comum a tôdas as ciências experimentais, tive oportunidade de ler um interessante estudo do conhecido matemático inglês, Udney Yule, referente à identificação matemática do estilo, na prosa, e inserto no número de janeiro de 1939 da revista "Biometrika", um dos órgãos especializados de maior responsabilidade.

Não se trata, evidentemente, de um simples devaneio destituído de interesse prático, por isso que, passando da teoria para o exame direto de certas controvérsias literárias, atinentes à autoria de algumas obras célebres, o sr. Yule tem prestado um inestimável serviço à civilização, tanto mais notável quanto mais se considerar o fogo das paixões geralmente acêso no debate de quejandas questões, em que, frequentemente, a ausência de elementos positivos determina verdadeiras "torcidas", consoante às preferências individuais.

Em sua obra "Critério objetivo para determinar a autoria e a cronologia na dramática hespanhola", observa Silvanus Griswald que as impressões pessoais ou subjectivas não resolvem os problemas atinentes à identificação do estilo.

Cercando-a de um grande halo de simpatia e respeito, Yule exemplifica a sua descoberta com o estudo que fez da "Imitação de Cristo", uma das obras mais amadas do cristianismo, em que a renúncia do autor deu lugar à disputa posterior da autoria da obra. Era geralmente atribuída a Gerson, a Groot e a Kempis, sendo este último o seu verdadeiro autor, conforme o estudo numérico, frio e livre de preferências subreptícias, empreendido pelo estatístico inglês.

"These results are completely consonant with the view that Thomas à Kempis was, and Jean Charlier Gerson was not, the author of *Imitatio*".

A descoberta de Udney Yule é bastante intuitiva e se enquadra, na prática, nos processos normais da investigação estatística, de que, aliás, resultou, podendo ser, em princípio, explicada em poucas palavras.

O comprimento dos períodos, nos escritores de personalidade, se repro-

duzem, harmonicamente, com uma frequência constante, permitindo, comparativamente, uma caracterização perfeita, revelada no conjunto e no predomínio das séries, em que recaem, destacadamente, os maiores recursos expositivos.

Neste ponto, já estou aflito para dizer que meu objetivo principal, neste escrito, é aplicar o martelo de Yule nas nossas tão discutidas "Cartas Chilenas", cujo valor literário e histórico tanto tem aguçado o patriotismo de numerosos investigadores da paternidade de tão primorosa sátira.

Não obstante o louvável esforço desses estudiosos, alguns dos quais, em renhidas polêmicas, para explicar o pseudônimo "Critillo", constante dessa obra, se embrenharam no grego ou então barafustaram no labirinto dos anagramas, frutos sem dúvida, de terrível "torcida", as "Cartas Chilenas" tanto podem ser atribuídas ao terno cantor de Marília, como a Cláudio Manuel, ou então a Alvarenga Peixoto, como pretendeu Sílvio Romero, não se falando no fraco indício de colaboração, que seja dito logo de passagem, não deixa de ser um "despistamento" do mesmo gênero da própria epígrafe do documento, a qual, sem a carta inicial de Doroteu, não podia ser justificada. Cartas...

A despeito, ainda, dos recentíssimos estudos empreendidos no sentido da identificação das "Cartas Chilenas", e a propósito mesmo de um deles, Tristão de Ataíde, numa das edições de dezembro do "Estado de Minas", concluía, melancolicamente: "Tudo faz crer, (o grifo é meu) que Tomaz Gonzaga, tão meigo na sua poesia, quanto vigoroso na prosa de suas funções profissionais, tenha se embuçado no manto de Critillo para escrever, com a colaboração de seu íntimo amigo Cláudio, a mais forte sátira e o mais pitoresco retrato poético do nosso século XVIII".

"Tudo faz crer", mas nada demonstra, prova, liquida, põe o ponto final.

Como se vê, não obstante tanta canceira, os pesquisadores ainda se encontram no terreno escorregadio das suposições, estando, por isso mesmo, ainda intacto o duro endocarpo que oculta a preciosa amêndoa da verdade.

Vejamos, porém, como se vai comportar um tão duro "côco babassú" sob o martelo da estatística.

Para uma perfeita inteligibilidade do estudo abaixo exposto, em que apenas falam os números, livres de fórmulas complicadas que possam assustar o leitor pouco afeito ao trato da estatística mais elevada, é preciso se diga que a identificação matemática de um documento se faz mediante o confronto dos números resultantes do estudo desse documento e de outros que sejam, sem a menor dúvida, do autor a que é atribuído.

Para o estudo das "Cartas Chilenas", tomei das mesmas, (de todas as epístolas) 116 períodos e outros tantos, respectivamente, do poema "Vila Rica", de Cláudio Manuel, e das "Liras", de Gonzaga, sendo que não existe a menor dúvida quanto às autorias destas duas últimas.

Palavras	PERÍODOS			COINCIDÊNCIAS		PALAVRAS		
	Gonzaga	Cartas	Cláudio	Gonzaga	Cláudio	Gonzaga	Cartas	Cláudio
107	0	0	1	0	0	0	0	107
108	0	0	0	0	0	0	0	0
109	0	0	0	0	0	0	0	0
110	0	0	0	0	0	0	0	0
111	0	0	0	0	0	0	0	0
112	0	0	0	0	0	0	0	0
113	0	0	0	0	0	0	0	0
114	0	0	0	0	0	0	0	0
115	0	0	1	0	0	0	0	115
116	0	0	0	0	0	0	0	0
117	0	0	1	0	0	0	0	117
118	0	1	0	0	0	0	118	0
119	0	0	1	0	0	0	0	119
120	0	0	0	0	0	0	0	0
121	0	0	0	0	0	0	0	0
122	0	0	7	0	0	0	0	854
Soma ...	116	116	116	78	54	2.729	3.151	6.079

As grandes séries em estatística, de que o quadro exposto não deixa de ser um caso bastante típico, consideradas, panoramicamente, são geralmente descoloridas e opacas, como os vitrais vistos do exterior.

À medida, entretanto, que os Algarismos vão se condensando, nos resultados finais e nas relações que estes possibilitam, começa a manifestar-se um fenômeno inteiramente oposto ao que se verifica nas porcelanas: a densidade gera a transparência, o quadro se ilumina, o colorido se esboça, a paisagem se anima.

Dir-se-ia ainda um vitral visto agora do interior de um edifício qualquer.

Em nosso caso, de fato, o confronto das unidades isoladas de seus universos não permite nenhuma conclusão.

Através, porém, da maior condensação das frequências, evidenciadas nos Algarismos finais, a lei "Yuleana" vai se delineando, traço a traço, para compor dois retratos numéricos do autor das "Cartas Chilenas".

Data vênica, a quantidade das amostras examinadas, (116) não é, no caso, o que em estatística se pode chamar "grande número", sendo esta advertência muito elucidativa, pois, conforme o teorema de Poisson, as discrepâncias, os desvios são inversamente proporcionais à raiz quadrada do número das amostras, tornando-se, por exemplo, os resultados duas vezes mais exatos si o número das unidades em estudo for elevado ao quádruplo.

Examinemos: Número total de palavras contidas nos 116 períodos —

Gonzaga	2.729
Cartas	3.151
Cláudio	6.079

Diferença entre Gonzaga e Cartas — 422 palavras; diferença entre Cláudio e Cartas — 2.928 palavras.

Comprimento médio do período —

Gonzaga.....	23 palavras
Cartas.....	27 "
Cláudio.....	52 "

Coincidências —

Gonzaga.....	78 ou 67%
Cláudio.....	54 ou 46%

Consoante a maior tendência revelada pelos autores, conforme se verifica facilmente no quadro, os períodos podem ser classificados em três grupos distintos, a saber:

De 1 a 50 palavras —

Gonzaga.....	113	ou	97%
Cartas.....	107	ou	92%
Cláudio.....	64	ou	55%

De 51 a 100 palavras —

Gonzaga.....	3	ou	2%
Cartas.....	8	ou	6%
Cláudio.....	42	ou	36%

De 101 a 120 palavras —

Gonzaga.....	0		
Cartas.....	1	ou	0,9%
Cláudio.....	10	ou	9,0%

Neste ponto é oportuno esclarecer que as "Cartas Chilenas" e o poema "Vila Rica" são escritos em versos decassílabos livres, e só diferem da prosa quanto ao ritmo, o que dá às duas obras grande homogeneidade, colocando-as em ótimas condições de comparabilidade.

Já o mesmo não se verifica com as "Liras", sujeitas, mesmo nos cantos que pudemos selecionar, às limitações dos moldes clássicos ou das formas em que foram vasadas as estrofes, em metros, ainda por cima, mistos.

Não obstante, na classe dos grandes períodos de 100 a 120 palavras, em que as "Liras" não figuram, as "Cartas Chilenas" concorreram apenas com um período de 118 palavras.

No quadro que segue, em que as amostras se apresentam mais condensadas, em séries de maior amplitude, pode-se ter uma visão mais profunda dos universos.

PERÍODOS	GONZAGA	CARTAS	CLÁUDIO
1 a 10 palavras.....	19	21	2
11 a 20 ".....	28	26	9
21 a 30 ".....	36	31	27
31 a 40 ".....	22	18	14
41 a 50 ".....	8	11	12
51 a 60 ".....	3	4	14
61 a 70 ".....	0	0	8
71 a 80 ".....	0	2	8
81 a 90 ".....	0	1	5
91 a 100 ".....	0	1	5
101 a 110 ".....	0	0	2
111 a 122 ".....	0	1	10
Soma.....	116	116	116

Um prisma sob o qual os diferentes aspectos do problema relacionado com a frequência dos períodos podem ser apreciados, é o gráfico, conforme se vê à página seguinte.

A natureza deste estudo me faz presumir que vá ser lido, preferencialmente, pelos literatos, poetas e sonhadores, pouco dados à rigidez dos números.

Data vênua, é preciso dizer que um gráfico não é uma fantasia semelhante aos caprichosos desenhos com que se ilustram as obras de ficção.

Ao contrário, é uma das mais belas concepções de analítica, largamente empregada na topografia, na geodésia e na estatística, fundamentada na genial invenção de Descartes, as coordenadas retangulares.

O gráfico é uma espécie de câmara fotográfica que possibilita, sem desfigurar-lhe os contornos, uma envolvente representação dos universos estatísticos, os quais, ao natural, são inaptos à percepção, em virtude da profusa dispersão dos elementos arrolados nas séries.

O estudo finalmente da pontuação, que não entrou nas cogitações de Yule, e que, não obstante, se me afigura importantíssimo, revela o seguinte:

PONTUAÇÃO	CLÁUDIO	GONZAGA	CARTAS	OBSERVAÇÕES
Vírgula.....	650	306	304	Estudo feito sobre 116 períodos
Ponto e vírgula.....	177	46	57	
Dois pontos.....	52	20	14	
Interrogação.....	16	9	29	
Exclamação.....	12	17	13	
Parêntesis.....	19	0	0	
Travessão.....	1	2	0	
Reticência.....	3	6	0	
TOTAIS.....	930	406	417	

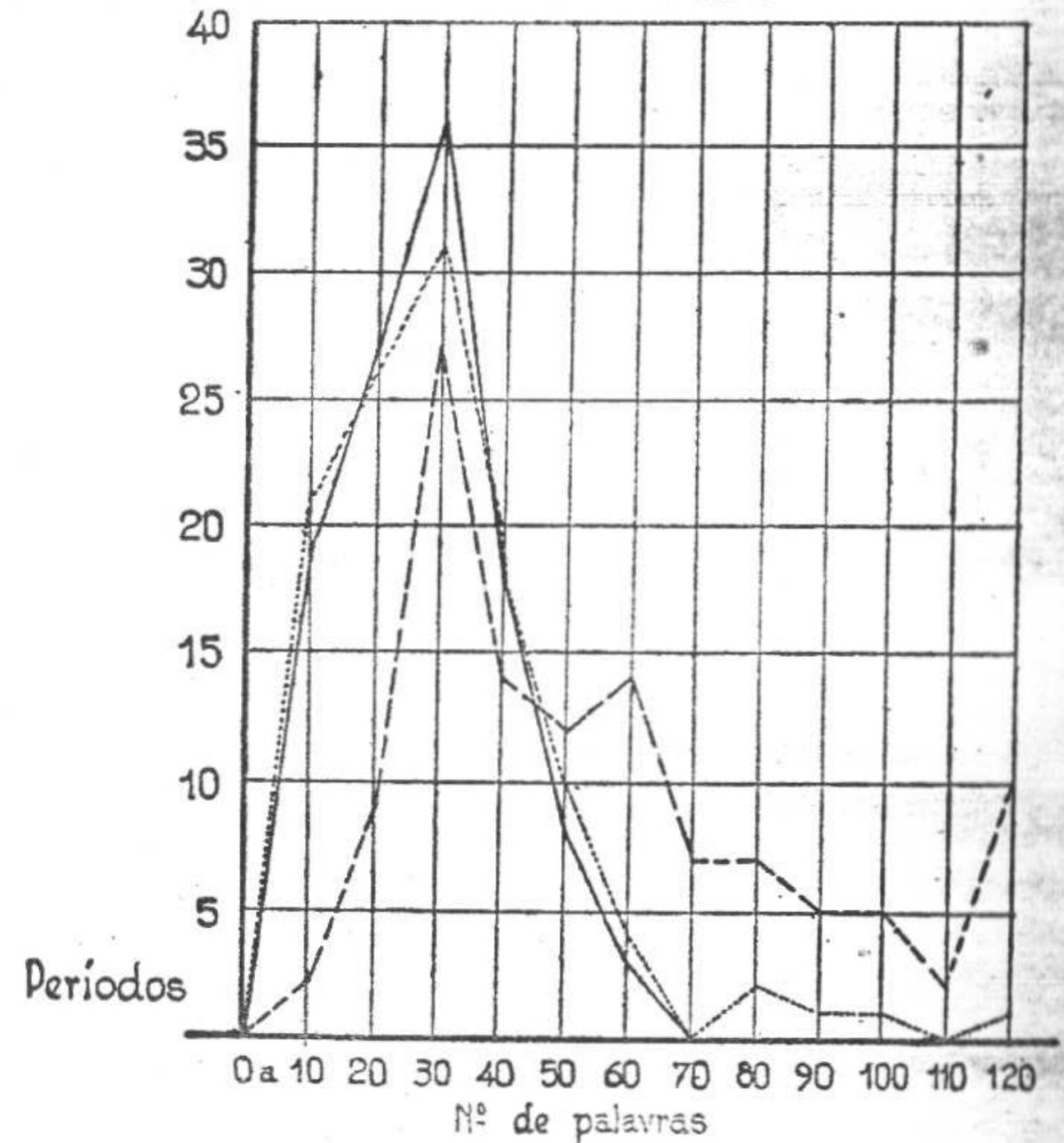
(A "lei da constância da pontuação" não deixa de ser uma descoberta nossa, frizo-o.)

Em face dos bons quadros estatísticos os mestres costumam dizer, para realçar-lhes a força, que os números falam ou, em certos casos, choram.

Aquí, todavia, os algarismos teem um comportamento diferente: emocionados, não falam, nem choram, mas batem palmas de entusiasmo.

Eles evidenciam o mesmo estilista brilhante, a mesma pena aguerrida, o mesmo verbo inflamado, a mesma inspiração, tão suave nos epitalâmios

Gonzaga —————
 Cartas
 Cláudio - - - - -



amorosos quão ríspida na divina revolta do homem que sabe sentir a angústia de sua pátria, — GONZAGA!

BIBLIOGRAFIA

- G. Udny Yule, On Sentence — Length as a Statistical Characteristic, *Biometrika*, London, 1939. Vol. XXX, Parts III and IV.
- Arkin and Colton, *Statistical Methods*, New York.
- G. Darrois, *Estatistique et applications*, Paris.
- Borel et Deltheil, *Probabilités*, Paris.
- F. Virgilio, *Statistica*, Milano, 1939.
- J. Kafuri, *Lições de Estatística Matemática*, Rio, 1934.
- T. Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu. (Seleção das Liras autênticas) *Anuário do Brasil* Ed.
- “Cartas”, ed. Francisco da Veiga.
- Cláudio Manuel da Costa, “Vila Rica”.